

ESCUTA SUSPENSIVA

Cristiano Roque Antunes Barreira

Universidade de São Paulo

crisroba@usp.br

Resumo

A escuta suspensiva é um conceito nascido no interior da psicologia de perspectiva fenomenológica e a partir das necessidades próprias do desenvolvimento das pesquisas empíricas desta abordagem. Seu alcance conceitual e operativo, com efeito, incide sobre a clínica psicológica, uma vez que põe princípios fenomenológicos em prática no relacionamento interpessoal. A cunhagem deste conceito obedece à necessidade, advertida por psicólogos e filósofos, de se transpor operações filosóficas à psicologia com uma cautela capaz de fornecer amparo para a prática psicológica sem subverter o rigor da filosofia fenomenológica. Introduzindo seu desenvolvimento no enquadre de um modelo de pesquisa empírica comprometido com a fenomenologia clássica, a escuta suspensiva é apresentada como operação de subtração de obstáculos psicológicos cuja presença restringe o acesso a experiência vivencial alheia.

Palavras-chave: Escuta Suspensiva. Empatia. Redução Fenomenológica. Intersubjetividade

Abstract

Suspensive listening is a concept born within the phenomenological psychology perspective and from the very needs of the development of the empirical researches of this approach. Its conceptual and operative scope, in fact, touches psychological clinic, since it puts phenomenological principles into practice in the interpersonal relationship. The coinage of this concept obeys the need, warned by psychologists and philosophers, to transpose philosophical operations to psychology with a caution capable of providing support for psychological practice without subverting the rigor of phenomenological philosophy. Introducing its development in the framework of an empirical research model committed to the classical phenomenology, the suspensive listening is presented as an operation of subtraction of psychological obstacles whose presence restricts access to the experience of others.

Keywords: Suspensive listening. Empathy. Phenomenological Reduction. Intersubjectivity.

Falar em *escuta suspensiva* é designar um conceito e uma operação de caráter fenomenológico, cujas natureza e prática são originais mais propriamente da psicologia do que da filosofia. Ainda que sua nomeação seja uma novidade, não se trata rigorosamente de colocar uma operação inédita em prática. Designar a escuta suspensiva equivale a reconhecê-la e, mesmo que de modo ainda rudimentar, delineá-la, diferenciá-la em suas possíveis variações, normatizá-la de modo geral, reivindicar seu aperfeiçoamento e especificação junto às diferentes práticas psicológicas, abordagens hermenêuticas e fenomenológicas em psicologia. Bem antes de se focar possíveis contextos clínicos da escuta suspensiva, todavia, interessa aqui apresentá-la em seu horizonte de origem, o da investigação empírico-fenomenológica em psicologia, onde os problemas que levaram a seu batismo foram enfrentados. Seu alcance e impacto clínicos ainda estão por ser elucidados, o que poderá ser

feito prospectiva, mas também retrospectivamente, com auxílio daquilo que gerações de psicólogos já vêm desenvolvendo nas situações clínicas e afins (Binswanger, 2013; Callieri, 2007; Mahfoud, 2012; Safra, 2006; Giovanetti, 2012; Feijoo, 2010; Feijoo e Lessa, 2014, 2017; Tattosian e Moreira, 2012; Sá, 2017; Braga, 2014; Barreto, Morato e Caldas, 2013; Szymanski, 2010; Leite, 2016; Gaspar, 2013).

A importância da escuta para a psicologia é tanta que uma tentativa de individualizá-la em sua necessidade e potencial encontra dificuldades e poucas fontes. Um paralelo poderia ser feito com o fenômeno da empatia. Muito lembrado na atualidade como fenômeno decisivo para motivar ações éticas - o que se justifica plenamente - parece haver alguma negligência quanto ao fato de que sem empatia, simplesmente, não haveria qualquer psicologia, o que deveria lhe dar um lugar central em qualquer tratamento epistemológico da área. Como já foi observado em outro lugar, o fenômeno empático é extraordinariamente ordinário (Barreira, 2014), o que não é menos válido para a escuta, talvez justificando a atenção precária dada a operações perceptivas que atravessam os seres humanos virtualmente a todo momento.

Muito sensível à fragilidade com que a psicologia vinha se desenvolvendo, um século atrás Edith Stein (1998/1917) defendia sua tese de doutorado sobre a empatia. Pode-se dizer que, em vários sentidos, aquela fragilidade de fundamentos vigora ainda hoje. Antes do paralelo histórico e epistemológico sobre a pouca atenção à relevância capital da escuta e da empatia para a psicologia, esse é um paralelo fenomenologicamente estreito. Deve-se dar a precedência à empatia, um fenômeno perceptivo *sui generis* e simples, que comparece como horizonte e guia de uma *escuta* que se queira *suspensiva* - esta que, por sua vez, é uma operação complexa e variada.

A obra e a presença da filósofa Angela Ales Bello (1998, 2004, 2013, 2016, 2016b) no Brasil, a partir da década de 2000, impeliu a uma atenção detida sobre o fenômeno empático, assim como sobre a antropologia fenomenológica de Edith Stein e de Edmund Husserl (Massimi, 2011). Isso motivou uma renovação das pesquisas empírico-fenomenológicas comprometidas em seguir os passos propostos pela fenomenologia clássica, inclusive com a pretensão de se orientarem almejando cumprirem a redução transcendental. Foi em meio a essas investigações que, pela necessidade imperativa de se aprimorar e refinar seu tratamento metodológico, se concebeu a escuta suspensiva (Barreira e Ranieri, 2013; Barreira, 2017).

Desde algumas décadas, já havia no Brasil uma tradição de pesquisas empírico-fenomenológicas em psicologia (Martins e Bicudo, 2005/1989; Forghieri, 1993/2012; Gomes, 1997; AmatuZZi, 2001; Mahfoud, 2003; Bruns e Holanda, 2003; Castro e Gomes, 2011). Comum em inúmeras abordagens metodológicas de pesquisa qualitativa, a entrevista tende a

ser o instrumento preferencial na maior parte dos modelos de pesquisa empírico-fenomenológicos. Menções à ideia de uma entrevista fenomenológica não são novidades, aparecendo, por exemplo, em título de artigo de Gomes (1997). Raramente algum modelo investigativo nessa linha deixa de considerar a necessária modificação de atitude - *epoché* - por parte do entrevistador, para que, já na coleta de dados, teorias, conhecimentos prévios, pré-concepções e preconceitos não se anteponham, por exemplo, à atribuição de sentido por parte do entrevistado, exercendo-se já aí a atitude fenomenológica que terá continuidade na análise de um conjunto de entrevistas (Martins e Bicudo, 2005/1989; Bruns e Holanda, 2003; Giorgi e Souza, 2010). Tanto quanto é decisivo evocar a *epoché* como necessária na entrevista, recorrer a ela é insuficiente para um propósito e contexto que diferem daqueles estritamente filosóficos em que o conceito foi cunhado por Husserl (2006/1913, 2007/1926-35, 1991/1910-11).

A *epoché* é operação filosófica que - mesmo se sempre teve alcance intersubjetivo, visando ter, pelo menos, o resultado de sua operação compartilhado com outros - começa com a suspensão do circuito de validade dos demais *egos* existentes (que não o de quem está filosofando) e dos saberes compartilhados. Na entrevista, ambos os aspectos da *epoché* - suspensão do *alter ego* e dos saberes compartilhados - têm particularidades correspondentes ao desenvolvimento de uma operação de natureza inteiramente intersubjetiva que prima pelo compartilhamento de uma experiência tornada um conhecimento comum entre as partes envolvidas. Há, com efeito, nesse desenvolvimento, a retirada de circuito de outros *egos* que não o par¹ ativo na entrevista, com o enfoque voltado à expressão de sentidos do entrevistado. Para esse enfoque, paralelamente, deve haver a retirada de circuito de saberes anteriores por parte do entrevistador que porventura possam agir se sobrepondo àquilo que deveria ser privilegiado na entrevista, isto é, o sentido expresso e vivido pelo entrevistado. Essas diferenças entre *epoché* e o que já começa a ser descrito como *escuta suspensiva* não são meras nuances, mas diferenças que incidem na própria natureza dessas operações, ainda que guardem princípios comuns. Como método de parentizações, entretanto, é verdade que a *epoché* ainda se desdobraria em diferentes vias de redução fenomenológica, inclusive a intersubjetiva (Husserl, 2007/1923-24, 2012/1935, 2007/1926-35, 2013/1929). Todavia, Husserl não parece ter detido atenção e sistematizado explicitamente esta via se operando em ato, no encontro interpessoal propriamente dito, como ação dialógica, tarefa a que,

¹ Seja este um par de indivíduos ou não, caso possível quando mais de uma pessoa é entrevistada ao mesmo tempo. Essa possibilidade não será abordada aqui, mas há modelos que a contemplam, como o da entrevista reflexiva (Szymanski, 2010).

provavelmente, ele atribuiria a responsabilidade aos psicólogos. Vale frisar que o próprio ideal da *epoché* husserliana é objeto de controversas e ponderações que, ao longo do tempo, ocasionaram perspectivas filosóficas alternativas. Esse não é assunto do presente trabalho, embora esteja no centro filosófico das necessárias especificações da escuta suspensiva, uma vez que tem ressonâncias diretas junto às abordagens fenomenológicas e hermenêuticas em psicologia.

Ao longo de décadas, ainda que mencionada, a natureza intersubjetiva da entrevista deixou de ser examinada levando a falhas que começam não apenas por focar a mudança de atitude por parte do pesquisador, mas também por negar a modificação de atitude por parte do entrevistado. O próprio objeto da entrevista - e da investigação - sofrerá as consequências desta falha, restringindo-se o acesso aos fenômenos estudados e todo o alcance pretendido pelas pesquisas nesta perspectiva.

Basta citar o autor de um dos internacionalmente mais consagrados modelos de pesquisa empírico-fenomenológico, Amadeo Giorgi (Castro e Gomes, 2011), para demonstrar como um dos polos da relação intersubjetiva na entrevista chega a ser negligenciado. Para ele, os participantes na investigação "fornecem as suas descrições a partir de uma atitude de senso comum. Estes explicitam as suas experiências a partir da atitude natural" (Giorgi e Souza, 2010, p. 77). Sem qualquer dúvida, pode-se concordar que o uso com rigor da *epoché/redução fenomenológica* é exigido do investigador e não dos participantes que "não têm, presumivelmente, que ter conhecimentos sobre o método de investigação" (idem)². Entretanto, dá a considerar que atitude do entrevistado deva ser a natural e de senso comum, há uma distância significativa e carregada de consequências. A mais séria delas é a de que os relatos expressos nessa atitude são no registro representativo, tratado-se de discursos pouco experienciais, mas objetivos, referidos a objetos tomados como existentes por si mesmos e não como objetos experienciais cuja aproximação os revela em sua intencionalidade, isto é, como fenômenos vividos pessoalmente pelo entrevistado. O próprio Husserl (2011/1952), em *Ideias II*, descreveu a *atitude personalista* como uma orientação em que os objetos são apreendidos no registro da intencionalidade pessoal, com os valores, afetos e sentidos vividos propriamente pela pessoa e não na desvinculação experiencial que é pertinente à atitude natural. Para acessar essa atitude não é necessário presumir conhecimento metodológico dos participantes, tampouco que haja o rigor da redução fenomenológica em sua expressão.

² É válido citar que, diferentemente, na perspectiva da *entrevista de explicitação* (Depraz, Varela e Vermersch, 2011), esse conhecimento por parte dos participantes tem se mostrado da maior importância para a obtenção de boas descrições.

Decisivamente, este limite resultante da desconsideração fenomênica da intersubjetividade da entrevista é coerente com abordagens investigativas que almejam conhecer "significados" ou "atribuições de sentido" por parte dos participantes. Isso é o mesmo que colher o que os entrevistados pensam ou sabem *sobre* um assunto. Perde-se a experiência vivenciada e, portanto, a pretensão de se analisá-la até o limite de sua constituição, em outras palavras, a pretensão de se "voltar às coisas mesmas".

Manter vivo esse lema e objetivo husserlianos, tomando a entrevista, não como uma coleta de dados, mas como momento coadjuvante do processo de análise intencional, tornou-se possível quando o sentido da empatia passou a ser levado em consideração. Diferentemente da operação analógica de se colocar no lugar do outro - entendimento hegemônico na Psicologia - a empatia, rigorosamente, é a percepção do outro enquanto outro eu (*alter ego*), portanto a percepção de que há alguém que vive suas próprias experiências (Stein, 1998/1917; Husserl, 2001/1918; Ales Bello, 2004; Ranieri e Barreira, 2012; Savian Filho, 2014). Empatizar é tomar contato com essas experiências alheias. A partir disso, o papel coadjuvante da entrevista no "retorno às coisas mesmas" passa a ser tarefa psicológica de compreensão da experiência alheia, compreensão da maneira como a experiência é vivida por este outro de quem se está à escuta. A modificação de atitude do participante é necessária para que a sua própria experiência venha à tona e seja relatada, nisso consistindo a entrada na atitude personalista durante a entrevista. Diferentemente, na atitude natural, o entrevistado resta num discurso objetivo, explicativo e impessoal, podendo ainda se deslocar para um relato subjetivista, referente a sentimentos, sensações e reflexões em que pouco se explora aquilo que é o cerne do fazer fenomenológico, a experiência, não em seus presumidos *porques* ou exclusivamente em suas ressonâncias, mas em seu *como*. Portanto, a consideração à empatia trouxe o comprometimento com a busca pela experiência vivida daquele que é entrevistado (Barreira e Ranieri, 2013; Barreira, 2017; Leite e Mahfoud, 2010).

Como realizar na entrevista essa busca pela experiência vivida pelo outro? Para começar, é preciso ter em consideração como o contato com a própria experiência vivida durante o relato ocorre de modo mais próximo e vivo, isto é, como ele pode emergir em primeira mão. A mais significativa contribuição nesse sentido é, sem dúvida, a do psicólogo Mauro Martins AmatuZZi (2001). Sua transposição de análises e reflexões de Maurice Merleau-Ponty para o âmbito da Psicologia, não apenas aponta algumas implicações existenciais desse movimento, mas delinea como a emergência de um sentido originário da experiência vivida numa "fala primeira" é favorecida e mesmo dependente de um silêncio essencial pelo qual o sentido ganha e encontra expressão, formulando-se numa fala nova. Aqui, não se trata mais de repetir

algo já sabido, já contado, já organizado. Não se trata de falar de novo, mas de falar a experiência vivida. A leitura do trabalho de AmatuZZi (2001), em especial "Silêncio e palavra", suscita a necessidade do entrevistador suportar o silêncio pelo qual esse sentido pode emergir. Sua descrição, apoiada em Merleau-Ponty, tem correspondências estreitas com o que pode ser tomado como modificação da atitude natural (vizinha à "fala segunda") para a atitude personalista (vizinha à "fala primeira"). Após a questão da empatia, o trabalho de AmatuZZi é central para o enfrentamento dos problemas metodológicos que levaram ao batismo da escuta suspensiva. Ao extrair de Merleau-Ponty a diferenciação entre os tipos de fala, o autor insere vivamente o ingrediente afetivo na modificação de atitude, acusando a ação da corporeidade na expressão de uma fala significativa. Desde já, deve-se frisar que, na entrevista, uma fala como tal não se faz sem uma escuta atenta e sensível ao silêncio. Mais ainda, seu acontecimento não deve ser deixado à casualidade e sim ser intencionalmente solicitado a ocorrer. Portanto, o entrevistador deve conduzir com seu interesse, suas perguntas e seu silêncio o participante à sua própria experiência vivida. Disso resulta uma *produção intersubjetiva* - uma vez que ela não existiria sem a ação conjunta de entrevistado e entrevistador - *de relato de experiência* (Barreira, 2017). Nesta produção intersubjetiva, a escuta suspensiva é ativa e engloba a fala que é escutada. No batismo dessa operação, priorizar a escuta, e não a fala, é designar a atividade que dispara esta última e que acompanha empaticamente seu protagonista, intervindo quando conveniente para conduzi-lo a tornar sua fala um relato de experiência.

No enquadre de uma arqueologia fenomenológica das culturas (Ales Bello, 1998; Barreira, 2011; Valério e Barreira, 2015), os problemas que levaram ao aperfeiçoamento de um modelo investigativo instrumentado pela entrevista, resultaram na apresentação da *escuta suspensiva* como "síntese de variadas operações no intercâmbio subjetivo" (Barreira e Ranieri, 2013, p.461), com a finalidade de desobstruir acessos à compreensão da experiência alheia, dinamizando-se "como o ideal da *epoché* efetivado na troca empática" (idem). Antes de mais, a *escuta suspensiva* age como operação dialógica correspondente ao processo de reorientação fenomenológica.

Como é possível notar, o delineamento da escuta suspensiva não deixa de resultar em uma fenomenologia da entrevista que se pretende fenomenológica. A *escuta suspensiva* aponta o horizonte de vivências operativas que, em virtude de certa consistência interna, autoriza atribuir o título de fenomenológica a uma certa maneira de conduzir a entrevista. Como operação acionada durante uma entrevista, a *escuta suspensiva* consiste numa relação de dois polos pessoais, distintos e necessários, em que, consumada a contento, a gradativa

concordância de um processo comunicativo, direcionado por modificações de atitude, atinge uma compreensão constituída como unidade intersubjetiva. Nesta relação interpessoal, um polo é aberto e ativamente direcionado à experiência alheia, enquanto o outro, diferentemente, é expressivo da própria experiência, afetivamente redobrado sobre o composto vivido que, acionado e acessado, emerge do silêncio à fala como sentido.

Um exame mais cuidadoso do fenômeno da escuta precisaria ainda se deter em sua natureza temporal. Isso não será possível neste espaço. Nem por isso deve-se deixar de sublinhar que a retenção própria à escuta não é, usualmente, a das palavras, mas a de sentidos do que é dito. A escuta não é jamais - como pode ser a audição - inteiramente passiva. Quem escuta alguém falar, apreende o sentido do que está sendo trazido acionando articulações que lhe permitem acompanhar a fala. Logo, a escuta é sempre operativa. Ao se falar em uma escuta suspensiva, fica auto-evidente que há algo a ser colocado em suspenso; mas o quê? Está sendo suspenso aquilo que obstrui os acessos à compreensão da experiência alheia. Como requer a fenomenologia, operações explicativas ou interpretativas, baseadas em enquadres nosológicos ou teóricos, não devem atuar aqui, pois quando o fazem, tendem a obstruir o espaço a um tipo de atenção operativa que é, antes de mais nada, e sobretudo, compreensivo. O desenvolvimento da escuta suspensiva é dinâmico, implica idas e vindas. Por isso não se fala em *escuta suspendida*. Não há uma condição estática da suspensão no intercâmbio empático. Quem entrevista aciona uma atenção às vezes fatigosa para acompanhar o sentido do que vem sendo expresso, para conferir se ele está emergindo como relato rente à experiência vivencial, para questionar-se se é necessário reformular uma questão para conduzir o entrevistado a seu vivido mais originário, para confirmar se está compreendendo o que é expresso e se não está subentendendo, presumindo sentidos já sedimentados em seu saber sobre o que está sendo contado, para manter uma auto vigília a fim de não ceder a distrações, operações explicativas, interpretativas, para não ceder à ansiedade que tantas vezes antecipa o devir da entrevista e de suas questões, entre outras possibilidades que tanto podem extraviar-lhe da orientação suspensiva, como podem, ao contrário, ajudar-lhe a sustentá-la. É nesta dinâmica que a suspensão vai se atualizando, subtraindo de circuito os diferentes tipos de obstáculos psicológicos aos quais outro trabalho deverá dedicar maior atenção (Barreira, 2017).

Batizada a partir da necessidade de refinamento conceitual metodológico para se proceder a arqueologia fenomenológica das culturas, a *escuta suspensiva* faz um chamado à expressão do outro com vistas à execução progressiva e concêntrica das vias da redução fenomenológica, cada uma delas indispensáveis para almejar um resultado que, por evidenciar

seus elementos configurativos últimos, explicita a estrutura vivencial do fenômeno examinado. Nas pesquisas, o relato é individualmente submetido a uma pré-análise empírica e descritiva, já "iniciada" pela *orientação empático-fenomenológica* que o acompanha e conduz, embora, durante a entrevista, o acolhimento da experiência seja mais significativo do que sua análise propriamente dita. Somente a partir do conjunto de relatos, a análise eidética é compassada à intersubjetiva, a fim de se evidenciar a estrutura vivencial da experiência. Aqui, opera-se com o dispositivo denominado *cruzamento intencional* (Barreira e Ranieri, 2013; Barreira, 2017)

A esse ponto, tomando a *escuta suspensiva* como chave operacional, é possível responder também à questão: o que faz uma entrevista ser fenomenológica? Que, mediante a empatia como guia, uma troca dialógica dedicada a colher a experiência vivencial, direcione o entrevistado a se deslocar da atitude natural à atitude personalista, a partir da qual uma experiência relatada seja dinamicamente acompanhada em sua expressividade até haver sua compreensão intersubjetiva. Esta compreensão poderá ter diferentes sentidos, a depender da perspectiva em fenomenologia que se adote. No caso da fenomenologia clássica, trata-se de colher a experiência mesma, procedendo-se um retorno às coisas mesmas.

A *escuta suspensiva*, consoante a *epoché*, age como uma nova orientação e, posteriormente, possibilita a redução fenomenológica. Conceitualmente, sua ação decisiva consiste em inserir a *epoché* em um contexto dialógico interpessoal, dando-lhe um aspecto dinâmico referente à desobstrução de obstáculos psicológicos (inclusive os conceituais) que merecem investigação à parte. Como mencionado, embora originalmente a escuta suspensiva venha sendo articulada no contexto da fenomenologia clássica, a noção de *epoché*, de modificação de atitude, não lhe é exclusiva. Por isso, abordagens em psicologia não comprometidas com a redução transcendental também acionariam uma escuta suspensiva. Disso decorre a necessidade de se especificarem diferentes modalidades de escuta suspensiva, como podem ser uma *escuta suspensiva hermenêutica*, uma *escuta suspensiva reflexiva*, uma *escuta suspensiva analógica* e uma *escuta suspensiva empática*, esta filiada à fenomenologia clássica, por exemplo. Afinal, se uma tal reivindicação conceitual é nova, sua aplicação na situação clínica inspirada pela *epoché* é tão antiga quanto as primeiras aproximações entre fenomenologia e atendimento psicológico. Diferentemente, reconhecê-la e, mesmo que de modo rudimentar, delinear-la, diferenciá-la em suas possíveis variações, normatizá-la de modo geral, reivindicar seu aperfeiçoamento e especificação junto às diferentes práticas psicológicas e abordagens hermenêuticas e fenomenológicas em psicologia, estas são tarefas novas iniciadas há pouco (Barreira e Ranieri, 2013; Barreira, 2017) e continuadas aqui. Para

isso é necessário cunhar o conceito filosoficamente numa transposição adequada da *epoché* ao encontro dialógico, a uma escuta colocada num processo inter-subjetivo próprio à psicologia, não à filosofia.

Em síntese, a escuta suspensiva consiste numa relação de dois polos pessoais, distintos e necessários para haver uma produção intersubjetiva de um relato de experiência: um polo é aberto e ativamente direcionado à experiência alheia, outro expressivo da própria experiência, redobrado sobre o vivido de modo a reativá-lo afetivamente.

REFERÊNCIAS

- ALES BELLO, A. *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. Tradução de A. Angonese. Bauru: EDUSC, 1998, 199 p.
- _____. *Fenomenologia e Ciências Humanas*. Tradução e organização de M. Mahfoud e M. Massimi. Bauru: EDUSC, 2004, 329 p.
- _____. Prefácio. In: MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. *Edith Stein e a Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Belo Horizonte: ArteSã, 2013, p. 9-13.
- _____. *Il senso dell'umano: tra fenomenologia, psicologia e psicopatologia*. Roma: Castelvecchi, 2016, 127 p.
- _____. *Edmund Husserl: pensar Deus, crer em Deus*. Tradução de A. T. Garcia & M. L. Fernandes. São Paulo: Paulus, 2016b, 127 p.
- AMATUZZI, M. M. *Por uma psicologia humana*. Campinas: Alínea, 2001, 137p.
- BARREIRA, C. R. A. Análise fenomenológica aplicada à Psicologia: recursos operacionais para pesquisa empírica. In: M. Mahfoud; J. Savian Filho. *Diálogos com Edith Stein. Filosofia, Psicologia e Educação*. São Paulo: Paulus, 2017. Cap. 12, p.317-368.
- _____. A bela adormecida e outras vinhetas: a empatia, do corpo a corpo cotidiano à clínica. In: SAVIAN FILHO, J. *Empatia Edmund Husserl e Edith Stein: Apresentações didáticas*. São Paulo: Edições Loyola, 2014. Cap. 3, p.53-93.
- _____. Da história da fenomenologia à ética na psicologia: tributo ao centenário de Filosofia como Ciência Rigorosa (1911) de Edmund Husserl. *Memorandum*, v.20, p.135-144, 2011. Disponível em <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a20/barreira01>. Acesso em 15 nov. 2017.
- BARREIRA, C. R. A.; RANIERI, L. P. Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. In M. Mahfoud; M. Massimi. *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. Cap. 18, p. 449-466.
- BARRETO, C.L.B.T; MORATO, H.T.P.; CALDAS, M.T. *Prática psicológica na perspectiva fenomenológica*. Curitiba: Juruá, 2013, 559 p.
- BINSWANGER, L. *Sonho e existência: escritos sobre fenomenologia e psicanálise*. Tradução de M. A. Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2013, 299 p.

- BRAGA, T.B.M. *Atenção psicológica e cenários sociais: ação clínica, instituições e políticas públicas na promoção de cidadania*. Curitiba: Juruá, 2014, 280 p.
- BRUNS, M. A. de & HOLANDA, A. F. (orgs.) *Psicologia e Fenomenologia: reflexões e perspectivas*. Campinas: Alínea, 2003, 187 p.
- CALLIERI, B. *Corpo Esistenze Mondì: per una psicopatologia antropologica*. Roma: Edizioni Universitarie Romane, 2007, 320 p.
- CASTRO, T. G. D.; GOMES, W. B. Movimento fenomenológico: controvérsias e perspectivas na pesquisa psicológica. *Psicologia: teoria e pesquisa. Brasília*. v. 27, n. 2, p. 233-240, 2011.
- DEPRAZ, N.; VARELA, F.J; VERMERSCH, P. *À l'épreuve de l'expérience: pour une pratique phénoménologique*. Bucarest: Zeta, 2011, 368 p.
- FEIJOO, A.M. *A escuta e a fala em psicoterapia: uma perspectiva fenomenológico-existencial*. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2010, 198 p.
- FEIJOO, A.M.; LESSA, M.B.M.F. *Fenomenologia e Práticas Clínicas*. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2014, 258 p.
- FEIJOO, A.M.; LESSA, M.B.M.F. *Fenomenologia e Práticas Clínicas II*. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2017, 190 p..
- FORGHIERI, Y. C. *Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo: Cengage Learning, 2012, 81 p. Original publicado em 1993.
- GASPAR, Y. E. *Ser voluntário, ser realizado: Investigação fenomenológica em uma instituição espírita*. Franca: Unifran, 2013, 222 p.
- GIORGI, A.; SOUSA, D. *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século, 2010, 278 p.
- GIOVANETTI, J.P. *Psicoterapia Fenomenológico-existencial: fundamentos filosófico-antropológicos*. Belo Horizonte: FEAD, 2012, 123 p.
- GOMES, W. B. A Entrevista Fenomenológica e o Estudo da Experiência Consciente. *Psicologia USP*, v.8, n.2, p. 305-336, 1997. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641997000200015>. Acesso em 15 jun. 2017
- HOLANDA, A. *Fenomenologia e Humanismo: reflexões necessárias*. Curitiba: Juruá, 2014, 231 p.
- HUSSERL, E. *A crise das ciências européias e a Fenomenologia Transcendental*. Uma introdução à Filosofia Fenomenológica. Tradução de D. F. Ferrer e revisão técnica de M. A. Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, 436 p. Original de 1935 e publicação póstuma em 1954.
- _____. *Filosofia prima. Teoria della riduzione fenomenologica*. Introdução e organização de V. Costa; tradução de A. Staiti. Soveria Manelli: Rubbettino, 2007, 241 p. Originais de 1923-24.
- _____. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Prefácio de C. A. Ribeiro; Tradução de M. Suzuki. Aparecida: Idéias & Letras, 2006, 383 p. Original publicado em 1913.

- _____. *À propos de la doctrine de l'empathie. Em: Husserl, E. Sur l'intersubjectivité I.* Tradução de N. Depraz. Paris: PUF, 2001, p.317-354. Original de 1918.
- _____. *Problèmes fondamentaux de la phénoménologie.* (J. English, Trad.). Paris: PUF, 1991, 365 p. Originais de 1910-11 e publicação póstuma em 1973.
- _____. *De la réduction phénoménologique: textes posthumes.* Tradução de J.-F. Pestureau. Grenoble: Millon, 2007, 433 p. Originais de 1926-1935 e publicação póstuma em 2002.
- _____. *Idee per una fenomenologia pura e per una filosofia fenomenologica, Volume II, Libro secondo : Ricerche fenomenologiche sopra la costituzione, Libro terzo : La fenomenologia e i fondamenti delle scienze.* Tradução de E. Filippini. Torino: Einaudi, 2011, 524 p. Original em alemão publicado em 1952.
- _____. *Meditações cartesianas e Conferências de Paris.* (P. M. S. Alves, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, 228 p. Original de 1929 e publicação póstuma em 1950.
- LEITE, R. V. *Pesquisa fenomenológica de um encontro intercultural: a experiência de crianças da comunidade tradicional de Morro Vermelho.* Curitiba: Apris, 2016, 219 p.
- LEITE, R. V. & MAHFOUD, M. Rigor e generalização em pesquisas sobre fenômenos culturais: contribuições de um percurso de pesquisas fenomenológicas. In: IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 2010, Rio Claro. Anais do IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. São Paulo: SE&PQ, 2010. Disponível em: <http://www.sepq.org.br/IVsipeq/anais/artigos/12.pdf>. Acesso em: 15 out. 2016.
- MAHFOUD, M. (Org.) *Plantão psicológico: novos horizontes.* 2. ed. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012, 155 p.. Original de 1999.
- MAHFOUD, M. *Folia de Reis: psicologia e experiência religiosa na Estação Ecológica Juréia-Itatins.* São Paulo: Companhia Ilimitada. Campinas: Centro de Memória, 2003, 163 p.
- MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos.* 5. ed. São Paulo: Editora Moraes e EDUC, 2005, 110 p. Original de 1989.
- MASSIMI, M. La fenomenologia come metodo per la psicologia: il contributo di Angela Ales Bello in Brasile. In: Baccarini, E.; D'Ambra, M.; Manganaro, P.; Pezzella, A. M. (Org.). *Persona, logos, relazione. Una fenomenologia plurale.* Roma: Città Nuova, 2011, p. 805-811.
- RANIERI, L. P.; BARREIRA, C. R. A. A empatia como vivência. *Memorandum*, 23, 12-31, 2012. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a23/ranieribarreira01>. Acesso em 14 fev. 2018.
- SÁ, R.N. *Para além da técnica: ensaios fenomenológicos sobre Psicoterapia, Atenção e Cuidado.* Rio de Janeiro: Via Verita, 2017, p.140.
- SAFRA, G. *Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal.* São Paulo: Sobornost, 2006, p. 169.

- SAVIAN FILHO, J. *Empatia Edmund Husserl e Edith Stein: Apresentações didáticas*. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p.93.
- STEIN, E. *Il problema dell'empatia*. 2. ed.. Tradução de E. Costantini & E. Schulze-Costantini. Roma: Studium, 1998. Original publicado em 1917.
- SZYMANSKI, H. *A entrevista na educação: a prática reflexiva*. 3. ed. Brasília: Liber Livros Ed., 2010, 99 p.
- TATOSSIAN, A.; MOREIRA, V *Clínica do Lebenswelt: Psicoterapia e psicopatologia fenomenológica*. São Paulo: Escuta, 2012, 301 p.
- VALÉRIO, P.; BARREIRA, C. Arqueologia fenomenológica, fenomenologia genética e psicologia: rumo à gênese das manifestações culturais . *Psicologia USP*, v.26, n.3, 430-440, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420140075>. Acesso em 20 dez. 2017.